

A EDUCAÇÃO FRANCISCANA NO COLÉGIO SÃO JOSÉ DOS NATURAIS

Dr. Reginaldo Aliçandro Bordin  0000-0003-4417-7951
Pontifícia Universidade Católica do Paraná-Maringá; Unicesumar/ Iceti

RESUMO: O objetivo deste estudo é analisar a ação pedagógica franciscana no México realizada no Colégio São José dos Naturais, provavelmente fundado em 1523. Dirigido por Pedro de Gante (1480-1572), tido como um dos mais importantes educadores do México colonial, a escola priorizou a educação de crianças astecas e enfatizou o ensino das letras, das artes e da matemática e também contribuiu para formar artesãos, entre outros ofícios. A educação buscava cumprir o papel de ensinar a doutrina cristã às crianças de diversos grupos sociais: nas capelas, salas de aulas e pátios, os franciscanos organizavam

atividades que levavam ao aprendizado dos aspectos principais do catecismo cristão e das mais variadas atividades produtivas. Com essas atividades, os franciscanos acreditavam poder contribuir para erradicar as crenças religiosas nativas ao mesmo tempo em que as crianças seriam preparadas para fazer parte das novas estruturas produtivas e sociais implantadas pelos espanhóis, quando venceram os astecas, em 1521. A importância desse momento particular da história e dos desdobramentos para o México e para o continente Americano justificam estudos dessas primeiras experiências educacionais, das quais Pedro de Gante é o protagonista.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Franciscanos; Pedro de Gante.

FRANCISCAN EDUCATION IN SAINT JOSÉ DOS NASTURALS SCHOOL

ABSTRACT: The aim of this study is analyze the Franciscan pedagogical action in Mexico perfomed at the Shcool of St. José dos Naturais probably founded in 1523. Directed by Pedro de Gante (1480-1572), considered one of the most important educators of colonial Mexico, the school prioritized education Aztec children and emphasized the teaching of literature, arts and mathematics and also contributed to educate artisans, among other crafts. Education sought to fulfill the role of teaching Christian doctrine to children from different social groups: in the chapels, classrooms and courtyards, the

Franciscans organized activities leading to the learning of the main aspects of catechism Christian and various productive activities. With these activities, the Franciscans believed to contribute to eradicate the indigenous religious beliefs at the same time that the children would be prepared to be part of the new social and productive structures set up by the Spanish, when they won the Aztecs in 1521. The importance of this particular moment of the history and developments to Mexico and the American continent justify studies of these early educational experiences, of which Pedro de Gante is the protagonist.

KEYWORDS: Education; Franciscans; Pedro de Gante.



1 APRESENTAÇÃO

O estabelecimento dos espanhóis no México, que levou à sua Conquista e Colonização, a partir de 1519, constitui um dos acontecimentos mais importantes da história moderna, em particular a da América Latina. As conquistas espanholas hipotecaram a ocupação dos territórios e a alteração das relações sociais, econômicas e culturais dos povos que encontraram, seja a partir da guerra seja a partir da contribuição da religião e da formação catequética. Por isso, este texto tem por tema a educação franciscana conduzida por Pedro de Gante (1480-1572) no *Colégio São José dos Naturais*. As contribuições desse religioso originário de Gante, que partiu do convento em que residia, nas oitavas da Páscoa, em 1522, para o México conquistado, são significativas: quando se estabeleceu no *Colégio São José dos Naturais*, provavelmente em 1526 ou 1527, pôde conduzir uma ação educativa que não se limitou ao ensino da doutrina religiosa como também princípios básicos da escrita, leitura, contas e o ensino dos ofícios. A importância dessa escola reside no fato dela ser organizada para servir de modelo de educação, que seria implantada aos nativos mexicanos.

As primeiras escolas, sob o encargo da Igreja, foram estabelecidas após 1521. Nelas, o ensino ganhou os contornos necessários para o atendimento das necessidades que se apresentavam: as igrejas e as escolas deveriam contribuir para a adaptação dos astecas às demandas econômicas e sociais dos conquistadores. Em face disso, este artigo privilegia a compreensão da educação no contexto das mudanças históricas, no sentido dela cumprir sua parte na ordem econômica que se organizava. Por isso, o objetivo principal é o de entender a ação educativa de Pedro de Gante no colégio que fundou. Essa condição, justifica pesquisas que tendem a retomar a história da educação da América Colonial, em particular o México, para compreender como a educação assumiu a incumbência de organizar a sociedade que se implantava.



2 O COLÉGIO SÃO JOSÉ DOS NATURAIS

As ações educacionais do continente americano, especialmente no México, têm profundas relações com as conquistas coloniais realizadas pela Espanha durante os séculos XV e XVI. O pioneirismo das navegações marítimas espanholas no Novo Mundo colaborou para que franciscanos encabeçassem a evangelização das vastas regiões conquistadas por Hernán Cortés (1485-1547), no México, a partir de 1519. Encerrada a fase militar comandada por Cortés, em 1521, seguiu-se um projeto de manutenção das terras conquistadas com a implantação das instituições políticas espanholas (*repartimiento*, *encomendas*, entre outras) e a transmissão dos valores que pertenciam aos conquistadores por meio da formação. Contribuíram para o estabelecimento de novas estruturas políticas e culturais, as ações religiosas e educacionais, que também serviram aos propósitos da expansão do cristianismo, associado à implantação do sistema colonial. A educação, de caráter catequético, adotou práticas originais e, para isso, cooperou aquele que é considerado um dos pioneiros, Pedro de Gante. No *Colégio São José dos Naturais*, esse franciscano desempenhou uma sistemática atividade pedagógico-catequética.

Esse religioso, junto com os freis Juan de Tecto (1476-1525), Juan de Ahora¹ (?), desembarcou na cidade de Vila Rica de Vera Cruz em 13 de agosto de 1523, para organizar as primeiras atividades religiosas e educacionais. Segundo Duverger (1993), esses religiosos não puderam se estabelecer em *Tenochtitlán*, a capital asteca, porque ela não oferecia condições propícias: a falta de estrutura material, as tensões, insegurança, entre outros aspectos, inviabilizaram a permanência dos religiosos nela. Foi em *Texcoco*, uma cidade vizinha, o local escolhido por eles para fundar a primeira escola e realizaram experiências educativas importantes. Nessa cidade os religiosos procuraram aprender uma das línguas nativas, o *náhuatl*, condição essencial para a formação religiosa.

¹ Esses dois religiosos não prosseguiram os passos de Pedro de Gante, pois acompanharam Cortés na expedição às Hibueras, onde morreram.



Também buscaram ensinar alguns nativos da cidade de *Texcoco*, tida como um importante centro de formação religiosa e educacional dos astecas. Essa condição possibilitou aos educadores católicos conhecer os princípios da tradição nativa, que combateriam com a formação realizada em uma das escolas mais importantes da colonização espanhola no México.

O *Colégio de São José dos Naturais*, construído provavelmente entre os anos de 1523 a 1526, ao lado do convento de São Francisco, surgiu com um duplo objetivo: intensificar a formação da fé cristã e instruir as crianças consideradas mais capacitadas e formar com elas um grupo que tomasse a dianteira da evangelização. Os religiosos acreditavam na possibilidade de nativos instruídos na doutrina cristã atraírem outras crianças para a fé cristã, por isso, recrutavam meninos e meninas que pertenciam aos considerados setores privilegiados da sociedade asteca. Acreditavam, pois, que, educados na fé cristã, pudessem de alguma maneira influenciar seus pais, nos aspectos culturais da sociedade que se implantava. Ademais, da escola também saíam os que exerceriam funções produtivas, dentre os quais os pintores e carpinteiros, que contribuiriam na edificação de novas capelas, igrejas e escolas (VALERIO, 1992).

Um dos documentos mais importantes desse momento, o *Códice Franciscano*, que contém informes e cartas franciscanas do século XVI, atesta que os filhos de dignitários tinham tratamento diferenciado porque a eles eram atribuídas funções de acompanhar seus mestres em cerimônias, além de ajudar na catequese. Outro aspecto que a diferenciava dos demais, “era o modo como atuavam na sociedade: aprenderiam a ler e escrever para assumir, segundo o *Códice Franciscano*”, postos de comando em seus povoados e prestação de serviços nas igrejas (CÓDICE FRANCISCANO, 1941, p. 55). Por sua vez, os filhos de famílias de baixa condição, depois de receberem instrução catequética, eram encaminhados para os ofícios manuais, tal como se constata no *Códice Franciscano*.

Los que miran las cosas conforme á la calidad y necesidad de cada una dellas, no enseñan indiferentemente á los niños hijos de los indios, sino con mucha diferencia, porque á los hijos de los principales, que entre



ellos eran y son como caballeros y personas nobles, procuran de recogerlos en escuelas que para esto tienen hechas, adonde aprenden á leer y escribir y las demás cosas que abajo se dirán, con que se habilitan para el regimiento de sus pueblos y para el servicio de las iglesias, en lo cual no conviene que sean instruidos los hijos de los labradores y gente plebeya, sino que solamente se deprendan la doctrina cristiana, y luego en sabiéndola, comiencen desde mochachos á seguir los oficios y ejercicios de sus padres, para sustentarse á sí mismos y aydar á su república [...] (CÓDICE FRANCISCANO, 1941, p. 55).

Com efeito, a escola de *São José dos Naturais* ofereceu uma instrução diferenciada para os mexicanos: as crianças mais pobres, os *macehualtin*, recebiam educação a qual tinha por objetivo ensinar a elas os aspectos elementares da doutrina cristã e, sobretudo, prepará-las para os ofícios, já que seriam incorporadas ao trabalho realizado na cidade. Os filhos dos nobres, os *pipiltin*, por sua vez, aprofundavam os princípios da doutrina cristã e a educação primária, isto é, aprendiam a ler, a escrever e a cantar. Acredita-se que esse setor social, educado nos princípios cristãos, poderia somar aos esforços dos religiosos espanhóis em divulgar o cristianismo. Enquanto os *macehualtin*, que seguiam a tradição de seus pais, eram preparados para serem incorporados ao trabalho nas terras dos *encomenderos*, os *pipiltin* assumiriam distintas funções nas comunidades às quais pertenciam, entre elas, a de ajudantes dos seus mestres. Esse modelo de educação não constituía uma regra fixa: os nobres escondiam seus filhos e enviavam, em seu lugar, alguns escravos ou servidores, como tentativa de preservação das referências sociais e religiosas que faziam parte do passado deles. Por outro lado, os religiosos oportunizaram para as crianças pobres uma educação primária que permitisse a elas uma maior adaptação social (GONZALBO, 1993).

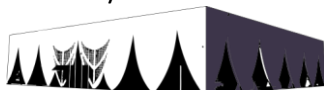
Para o cumprimento de suas funções formativas, a escola franciscana de *São José dos Naturais* foi composta por claustro, capela, salões com espaço para salas de aula, dormitórios e oficinas para a educação das crianças que entravam por volta dos 10 ou 12 anos de idade. O centro contava com a capela que não era um espaço utilizado apenas para as celebrações religiosas, mas, aos domingos e feriados, se convertia em lugar onde se ensinava o catecismo. Incluía



em sua estrutura uma enfermaria, que servia para atender tanto aos alunos quanto à comunidade. A composição da escola tinha a condição, segundo Canedo (1982), de centro de evangelização e educação. Para esse autor, era um centro de instrução primária, já que ensinava a ler, escrever e cantar, mas, também, um centro catequético, onde eram doutrinados os nativos e se formavam catequistas e ajudantes dos religiosos franciscanos.

Segundo Paula Alegria (1936), com esses ambientes, a escola passou a ser promotora de um amplo ideal, destinado a retirar os astecas de uma religião que os espanhóis consideravam absurda, para elevá-los a um plano mais alto, isto é, o da fé cristã. Esse aspecto não era o único: a escola se preparou para realizar uma suposta igualdade no trabalho, por isso, Alegria (1936) afirmou que o *Colégio de São José dos Naturais* propôs formar as crianças para uma sociedade em que todos viveriam harmoniosamente. Nesse caso, sob a direção de Pedro de Gante, o Colégio buscou atender tanto às necessidades materiais quanto às espirituais, pois contribuía com a comunidade ao preparar as crianças para que fossem incorporadas ao trabalho da colônia de modo mais eficiente e produtivo para os colonizadores.

Essa perspectiva de ensino garantia aos franciscanos, sem o poder das armas, assegurar a doutrinação e a ocidentalização dos nativos, ainda marcados com os ressentimentos causados pela Conquista de Cortés. Por isso, tinham a incumbência de reproduzir os ideais evangélicos para cumprir o que Cortés (1993) denominou, em suas *Ordenanzas*, de domínio sobre os nativos. Para isso, a escola *São José dos Naturais*, procurou revitalizar o ensino, iniciado em *Texcoco*, em 1523. Diferente dessa escola, *São José* tinha uma particularidade que serviu de modelo para os centros de catequese e educação que se estabeleceram posteriormente no México: nela, a formação das primeiras letras, da doutrina cristã, do canto e da escrita, seria complementada pelo ensino dos ofícios e atividades para o trabalho. Tal peculiaridade do ensino praticado pela escola correspondia, no entendimento de Pilar Gonzalbo Aizpuru (2008), aos dilemas e contradições da sociedade colonial: de um modo geral, os



encomenderos requisitavam da escola contribuição para que ela proporcionasse aos seus trabalhadores um estímulo e adestramento rápido para aumentar os bens de seus superiores. Os representantes da Coroa, por sua vez, procuravam atuar para apagar os vestígios do passado nativo quando atuaram com a educação catequética.

Trabalho e doutrinação parecem, portanto, fazer parte da formação que as crianças recebiam no *Colégio de São José dos Naturais*. Para tal fim, o modelo assumido pelos franciscanos partia do pressuposto de que era necessário separar as crianças de seus pais, mantendo-as nos internatos, onde se conservariam afastadas das tradições e dos hábitos familiares e receberiam a formação cristã, que precedia o ensino das primeiras letras. Na escola conduzida por Pedro de Gante, os franciscanos, empenhados em apagar a tradição nativa, além das lições sobre as Escrituras e a leitura, também lhes dirigiam sermões, admoestando sobre os deveres morais, incitando-os a praticar o bem. Outra particularidade que destacava a escola era a presença de monitores que repetiam as lições para os mais atrasados. Segundo informações de Rincón (1999), a escola pode ter ensinado a gramática latina, já que pretendia ter cantores para as igrejas e ajudantes de cerimônias religiosas. A música, o canto e os instrumentos musicais, assim como a pintura e o artesanato fizeram parte dessa educação oferecida para meninos e meninas. Entretanto, na formação das meninas, em colégios separados, predominavam conhecimentos considerados próprios das mulheres: para que fossem cristãs e boas mães, deviam aprender os valores da castidade e ser preparadas para tecer, lavar e cozer (RINCÓN, 1999).

O franciscano Gerônimo de Mendieta (1870), uma das fontes sobre esse colégio, refere-se à importância de ensinar os ofícios, na oficina que foi construída junto ao colégio. Segundo esse religioso, o diretor de *São José dos Naturais* selecionou jovens para que aprendessem os ofícios mais comuns, em resposta às demandas da população. Proporcionar o treinamento de habilidades técnicas possibilitava garantir meios de mínima sobrevivência dos nativos e

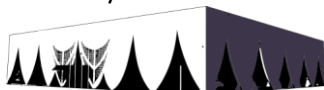


mantê-los ocupados, permitindo, assim, estabilidade social e o enriquecimento dos espanhóis. A condição de incorporação dos nativos à produção mencionada por Mendieta havia sido aludida por Cortés, em suas *Ordenanzas*, por meio do qual recomendou às autoridades municipais e *encomenderos* que tivessem a responsabilidade de prepará-los para os ofícios e que o responsável fosse remunerado:

Porque por el presente en todas las cibdades, villas e lugares desta Nueva España, no puede haber monesterios donde lo susodicho se pueda efectuar, que los alcaldes e regidores de cada una dellas, salarien una persona que sea hábil e suficiente, la más que se pudiere hallar e de buenas costumbres, para que tengan cargo de industrial los dichos muchachos, el cual salario se pague a costa de los que tuvieren los dichos indios [...] (CORTÉS, 1993, p. 279-280).

A referida orientação do administrador do México conquistado, Cortés (1993), foi, em linhas gerais, seguida pelos franciscanos que, no colégio de *São José dos Naturais*, privilegiaram o desenvolvimento das habilidades manuais para as crianças de setores mais pobres. Essa característica tem relação com as mudanças econômicas e sociais estabelecidas pelos espanhóis, já que, em um momento de fortalecimento da *encomienda*, à escola foi atribuída a incumbência de preparar seus alunos para vida produtiva do México. Dessa maneira, as *Ordenanzas*, mesmo que recomendassem aos mestres tratar os nativos como se fossem filhos, ensinando-lhes a doutrina cristã e o que consideravam ser bons costumes, na prática a vida do aprendiz era de um pequeno serviçal obrigado a realizar as tarefas do lar e também os trabalhos mais pesados. Ademais, o abuso mais frequente era considerar como aprendizes os adolescentes incorporados contra a sua vontade ao trabalho. Essa prática era rotina, pois os jovens se tornavam uma ameaça para a ordem estabelecida e, na tentativa de controlá-los, os espanhóis os submetiam ao trabalho obrigatório. Nesse caso, a etapa de formação não pode ser considerada como tal, porque, na realidade, era castigo (AIZPURU, 2010).

Mais do que um castigo, em função da *encomienda*, a educação que pretendia desenvolver habilidades técnicas ou manuais, estava em sintonia com

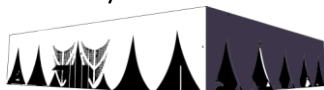


a produção colonial, que se apoiava no trabalho dos nativos. Frei Pedro de Gante, entretanto, via como obstáculo para a efetivação da formação dos nativos, o procedimento dos próprios espanhóis em explorá-los, com pesados impostos. Na *Carta de fray Pedro de Gante al emperador Don Carlos V, anunciándole el fallecimiento del Ilmo Zumárraga*, redigida em 20 de julho de 1548, ele denuncia ao Imperador a impossibilidade de concretizar a conversão dos astecas porque, segundo ele, estavam sempre ocupados em buscar mantimentos e, por isso, não tinham tempo para as atividades religiosas, pois, do contrário, morreriam de fome e despovoariam a região pelo excesso de trabalho (GANTE, 1974c).

A carta de Pedro de Gante parece revelar um aspecto importante do trabalho e opções assumidas por esse religioso, além das contradições presentes na colônia. A preocupação dele, ao que parece, divergia dos comandantes da Conquista mexicana quando apontava o trabalho servil como um fator impeditivo da realização da formação cristã, que a escola deveria realizar. Ele, ao endereçar a carta para o seu parente, Carlos V, acusa os espanhóis de maus tratos em função da escravidão e, por esse motivo, os nativos não podiam ir às igrejas e escolas. Deste modo, o ensino dos princípios do cristianismo era dificultado pelas péssimas condições de vida porque passam os astecas, uma vez que, segundo Pedro de Gante, a precariedade do trabalho inviabilizava a participação dos nativos nas ações religiosas e educativas que praticavam.

[...] la pobre de la inda que está en su casa y no tiene quien la mantenga a ella y a sus hijos, pues su marido tiene harto que entender en buscar para el tributo de necesidad: ésta tal se ha de ir y dejar la casa e irse del marido, e aun por ventura dejar los hijos perder; nunca en parte del mundo se vio tributar los hombres de lo que no tienen, como éstos, y así, como hayan de buscar el tributo fuera, nunca sosiegan (GANTE, 1974c, p. 48).

Foi motivado pela compreensão das duras condições do trabalho, impostas pela *encomienda*, compreendida como causa do despovoamento, que frei Pedro de Gante, em nome dos franciscanos, escreveu para o Imperador

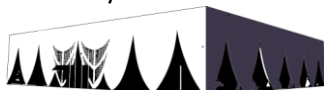


solicitando dele intervenção em favor dos astecas. Ele alertou que as missas dominicais estão vazias e que o objetivo primeiro da presença dos religiosos era a conversão e amparo, pois, para Gante (1974c), foram descobertos para que se buscasse a salvação. Para garantir o que considerava ser a salvação, Pedro de Gante pediu ajuda do Imperador a fim de restaurar o que considerava ter perdido: para continuar a doutrinar e ensinar os nativos, era necessário aliviar o trabalho e os impostos. Ensinar a ler, escrever, contar, tentar eliminar o culto dos antigos deuses e realizar os ofícios divinos, demandava tempo livre. Assim sendo, a permanência do modelo de trabalho incorria no risco de ameaçar a doutrinação religiosa e a escola.

Convencidos de que cumpriam sua missão religiosa e pedagógica, os franciscanos procuraram ampliar os espaços e as atividades educativas. Casas, pátios e hospitais se converteram em ambiente educacional onde atuavam para ensinar às crianças as orações cristãs. Nesses espaços, a instrução proporcionava o ensino de valores morais. As enfermarias, anexadas aos conventos, eram utilizadas para ser o que Pedro de Gante (1974b) referiu como alívio dos pobres e necessitados e ajuda para a conversão. A justificativa era a de que nesse espaço os nativos conheceriam a prática da caridade que é usual entre os cristãos e, assim, seriam, para esse franciscano, convidados a participar da mesma fé.

Junto a nuestro monesterio se ha hecho una enfermería para los enfermos naturales donde, allende de los que en casa se enseñan, vienen otros a ser curados, que es mucho refrigerio para los pobres y necesitados, y ayuda para la conversión; porque conocen la caridad que entre los cristianos se usa, y así son convidados a la fe y querernos bien, y conversar con nosotros (GANTE, 1974b, p. 44).

A diversidade das atividades desenvolvidas pela escola de *São José* evidencia que as ações educacionais de frei Pedro de Gante, não se limitaram apenas ao ensino catequético e doutrinal, ainda que essa fosse sua finalidade principal. Os religiosos, que ampliaram os espaços educativos para as oficinas, enfermarias, pátios e salas de aula atuaram a partir da experiência educacional



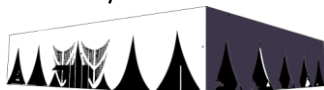
que tinham, para inculcar nas crianças astecas os valores que acreditavam corretos. Enquanto representante da igreja e ciente das exigências dos soberanos católicos, Pedro de Gante atuou em defesa da religião cristã procurando formar um modelo de pessoa que correspondia com os ideais e concepções fundamentadas na doutrina cristã.

Para efetivar a proposta pedagógica e catequética e com o propósito de conquistar a confiança e atrair os nativos, os franciscanos empregaram diversos recursos para educar. A fim de efetivar o trabalho educativo, Pedro de Gante aperfeiçoou as formas de catequização apropriando, inclusive, dos procedimentos utilizados pelos astecas, o que lhe conferiu originalidade na metodologia de ensino no *Colégio de São José dos Naturais*.

3 OS PROCEDIMENTOS DA EDUCAÇÃO FRANCISCANA

Na *Carta de fray Pedro de Gante a los padres y Hermanos de la provincia de Flandes, 27 de junio de 1529*, Pedro de Gante (1974a, p.40-43) afirmou que o ofício dele era o de predicar e ensinar de dia e de noite. Durante o dia, ensinava a ler, escrever e cantar e, à noite, a doutrina cristã e os sermões. Também comentou que, em função do tamanho dos territórios e dos povoados, preferiu selecionar os filhos dos senhores para instruí-los, segundo os princípios já mencionados. As escolhas desse religioso aludem para o fato de que o ensino que organizou nas escolas era metódico e sistemático, o que sugere planejamento da tarefa pedagógica e catequética. Dessa maneira, é possível afirmar que ele adotou uma metodologia para realizar a tarefa educacional, que poderia inserir os nativos na ordem social instaurada após a Conquista, de 1521.

Para o cumprimento dos objetivos catequéticos dos franciscanos, Pedro de Gante mostrou significativa variedade de recursos para efetivar o projeto de doutrinação dos nativos, que ultrapassavam a ação de destruir templos, prática até então usada. Em sentido mais estrito, os métodos de cristianização, tal como



definiu Borges (1960; 1992b), podem ser entendidos como sistemas adotados, de maneira consciente, pelos religiosos para provocar a aceitação do cristianismo por parte dos nativos. Os métodos de evangelização são complementares às atividades pastorais. Remetem-se, segundo Borges (1960), a todo o conjunto de instrumentos destinados à cristianização e que, de uma maneira ou de outra, estiveram encaminhadas para a transformação religiosa dos nativos.

Logo que as primeiras conquistas dos territórios americanos começaram, os religiosos atuaram para atrair os nativos na fé cristã, embora com um caráter improvisado e sem um método sistematizado. Foi a partir de 1524 que os franciscanos passaram a elaborar procedimentos que cumpririam o propósito de convencimento dos astecas, incluindo-os à sociedade que os espanhóis estavam organizando. Nesse momento, o processo de elaboração da metodologia missionária foi, segundo o entendimento de Iglesias (2010), obra dos frades franciscanos, tendo sido determinado pelos condicionamentos históricos que eram peculiares e em resposta às situações concretas que se estabeleceram. Por essa razão, a metodologia dos franciscanos pode ser considerada como aquela que lançou as bases do sistema de ensino colonial o qual se difundiu no território americano e, para isso, Pedro de Gante deu significativas contribuições quando sistematizou o ensino no *Colégio de São José*.

Maria Teresa Pita Moreda (1991) afirmou que os primeiros missionários foram criadores de uma metodologia aberta e flexível, baseada em suas diferentes experiências, que logo foram seguidas por outros, adequando-as às características das regiões onde eram realizadas as ações evangelizadoras. Para essa autora, a metodologia se fundamentava, para uma maior penetração do cristianismo, no conhecimento das características peculiares da personalidade dos nativos e, a partir dessa compreensão, tornou-se possível elaborar os meios que responderiam mais adequadamente ao ensino da doutrina cristã. Dessa maneira, é possível entender que as ações dos franciscanos tinham por base o contato com o nativo para conhecê-lo e, então, tentar evangelizá-lo.

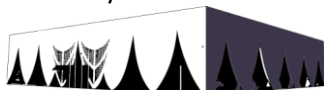


Em seu estudo sobre a metodologia missionária dos franciscanos, Borges (1992b) destacou que os religiosos, os quais encontraram no Novo Mundo uma realidade inédita para eles, foram paulatinamente adquirindo relativo conhecimento das novas terras por meio dos relatos orais e escritos ou, também, dos intercâmbios com outros religiosos. A novidade da diversidade linguística e da complexidade sociopolítica apresentada pelo Novo Mundo influenciou na tarefa de acertar uma metodologia que se adequasse aos territórios descobertos, para atender às reivindicações missionárias.

Os meios pelos quais os astecas seriam incorporados ao sistema de dominação espanhola foram elaborados com o tempo, a fim de se ajustarem às circunstâncias cambiantes da realidade americana. Nesse caso, os recursos metodológicos praticados pelos franciscanos constavam, inicialmente, de estudos que envolviam conhecimentos prévios dos habitantes, dos seus costumes, tradições, mentalidade e língua para, assim, determinar o modo mais adequado de convencê-los. Em seguida, a elaboração das práticas metodológicas contou com o intercâmbio e comunicação das experiências entre os religiosos. Complementava essa interação a discussão coletiva dos meios, com base no que observavam. O resultado dessa discussão coletiva foi uma série de normas que regeram a cristianização, entre as quais aquela que é considerada a primeira, a *Obediência e Instrução*, de Quiñones (1992).

Borges (1992a) destacou que as experiências prévias obtidas pelos franciscanos contribuíram para que elaborassem manuais, por meio dos quais abordaram temas considerados importantes. Os catecismos, doutrinas, sermonários, confessionários, manuais para administração dos sacramentos, entre outros, são normativas elaboradas pelos missionários que davam uma direção às atividades que desempenhavam.

A discussão sobre a cristianização dos nativos, demonstra que não foi uma ação aleatória, mas sistematizada a partir do quadro que os franciscanos encontraram. Em linhas gerais, Iglesias (2010), ao mencionar a metodologia aludida por Borges (1960), afirma que os princípios básicos dos procedimentos

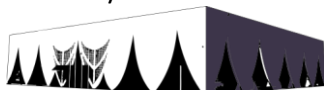


franciscanos tinham duas partes: a primeira era denominada Método de Preparação e a segunda, Método de Persuasão.

A primeira parte consistia na busca de um modelo que fundamentasse a atividade missionária, isto é, de acordo com a literatura que conheciam. Em outros termos, procuraram conhecer o nativo para elaborar os meios mais eficientes para o ensino e também adotaram uma forma de vida simples que servia de modelo para conquistar a confiança dos astecas. No Método de Persuasão, predominou pelo menos três formas para atrair os nativos: a pregação, a conformidade da vida com os preceitos morais e o fomento dos atrativos a fim de mostrar os princípios do cristianismo.

Para facilitar essa tarefa os franciscanos empregaram, nos colégios em que atuaram, diversos meios para formar os alunos, segundo os elementos que acreditavam corretos. A adesão dos astecas seria obtida, inicialmente, pelo aprendizado do idioma dominante, o *náhuatl*, já que não era possível educá-los no espanhol. A língua era um dos maiores obstáculos para a catequização dos conquistados, uma vez que havia múltiplas. Pedro de Gante (1974a), em sua carta de 27 de junho de 1529, mencionou a necessidade de aprender o idioma comum, pois afirmava que não seria possível ser entendido sem que aprendesse a língua comum e, por isso, os manuais catequéticos elaborados procuraram privilegiar o idioma local.

O problema do idioma exigiu dos franciscanos a busca por soluções que viabilizassem a comunicação entre os evangelizadores e evangelizados. Embora fosse motivo de controvérsias, os religiosos, para resolver em qual idioma deveriam evangelizar, procuraram distinguir suas práticas entre orações, pregações e catequese ou exposição dos conteúdos do cristianismo. Dessa maneira, as orações foram ensinadas em latim pelos religiosos, por exemplo, para evitar o que compreendiam como perigo de um texto em *náhuatl* ser passível de erros teológicos. As pregações e a catequese, por sua vez, tiveram um direcionamento diferente: em um primeiro momento, usaram de intérpretes para comunicar os princípios cristãos e, no segundo, aprenderam as línguas mais



comuns e, por meio das quais, procuraram evangelizar. Nesse caso, a língua privilegiada para evangelizar foi sempre a falada pelos habitantes do território em que educavam (BORGES, 1992b).

Na realização da prática catequética e educacional, um dos procedimentos adotados foi conhecer os costumes religiosos dos nativos e adotar parte de seus ritos, cantos e danças, alterando, porém, seu conteúdo. Frei Pedro de Gante usou essa metodologia para evangelizar. Em uma das cartas, escrita em 1558, ele menciona que adotou as mesmas ações praticadas pelos nativos para catequizar. Pedro de Gante afirma que escreveu tiras de papel com cantos sobre a lei de Deus, a fé e como Cristo se tornou homem para a salvação dos homens.

Y como yo vi esto y que todos sus cantares eran dedicados a sus dioses, compuse metros muy solemnes sobre la Ley de Dios y de la fe, y cómo Dios se hizo hombre por salvar al linaje humano, y cómo nació la Virgen María, quedando ella pura y sin mácula (GANTE, 1974d, p. 58).

Dentro da estrutura das tradições, de sua linguagem e elementos simbólicos, foi assumido o que era conveniente, sem, contudo, apropriar-se de ideias e valores que contrariassem os dogmas cristãos. Os religiosos, entretanto, buscaram diversificar os procedimentos educativos: apelaram ao teatro e à música como meios de transmissão dos princípios do cristianismo. Esse recurso era um instrumento para atrair o interesse principalmente das crianças e jovens, a fim de inculcar os valores e preceitos religiosos. Realizados em diversas regiões e cidades como *Tenochtitlán*, *Tlatelolco* e *Tlaxcala*, os teatros contavam com a participação dos membros das comunidades como atores ou acompanhantes dos corais. Realizados nos átrios dos conventos, os franciscanos reproduziam histórias bíblicas e de seus personagens. Segundo Ricard (2000), com recursos e técnicas limitadas, o teatro se caracterizava por uma cuidadosa adaptação ao modo de ser espiritual e ao temperamento do nativo. Era realizado pelos nativos e em sua língua.



Gruzinski (1999), em seu livro *La guerra de las imágenes*, entendeu que os espanhóis tiveram uma relação ambígua com as tradições expressas nas imagens nativas: ao mesmo tempo em que destruíam o que chamavam de ídolos, em virtude do que significavam, usaram representações como um meio de divulgação e penetração do pensamento cristão. Exemplo mais importante dessa “assimilação” dos elementos da tradição asteca foram as pinturas usadas na escola para o ensino dos valores ocidentais, herança dos manuscritos nativos, os chamados códices². Entre eles, destaca-se um livrinho, que é um catecismo pintado, por meio do qual se apresentavam os artigos de fé e orações mais comuns da vida cristã, conhecido como *Catecismo en pictogramas de fray Pedro de Gante* (1987). Nele, os preceitos mais básicos do cristianismo foram desenhados; os pictogramas indicavam aos destinatários as mensagens cristãs.

Apropriadas dos antigos sacerdotes mexicanos, que pintavam seus ritos sagrados, calendários e histórias, os catecismos foram elaborados com os conteúdos mais elementares da doutrina cristã. A função principal desses catecismos pintados era, sobretudo, de possibilitar a memorização das imagens que continham elementos religiosos. Segundo Valenzuela (2003), os primeiros missionários, ao exercerem os ministérios entre os mexicanos e desconhecer a língua, recorreram ao emprego dos elementos de comunicação que a antiga escrita mexicana oferecia, para que tivessem condições de evangelizar e educar. As figuras e ideogramas foram capazes de servir como meio inicial de apresentação do pensamento cristão. Os mestres cristãos, ajudados pelos *tlacuiloque*, pintores astecas, criaram uma nova escrita pictórica e ideográfica que correspondia aos fins cristãos. A técnica indígena, os grifos e as cores foram preservados, mas ajustados para a instrução religiosa.

² Segundo Gloria Martha Sánchez Valenzuela (2003), a palavra deriva do latim *caudex*, que significa árvore, e, dela, formou-se a palavra *codex*, devido a fato que os antigos mexicanos escreviam seus documentos em folhas elaboradas. Os cronistas espanhóis, no entanto, chamaram de *códice* os manuscritos nativos pictográficos ou de *Livros de pinturas*. Esses códices tinham como função comunicar ideias e conceitos religiosos por meio de imagens.



Para alcançar uma compreensão mais efetiva da doutrina, os religiosos complementavam a pregação usando grandes lenços ou quadros pintados, com cenas alusivas às orações, como o Credo, relatos da vida de Jesus e exemplos instrutivos da utilidade ou necessidade dos sacramentos. Os ouvintes observavam as representações ao mesmo tempo em que ouviam os sermões. O caráter didático dos textos e imagens utilizados é evidente e indiscutível: aos argumentos mais populares da tradição cristã europeia, introduziam modificações aplicáveis aos problemas da conversão e da adoção de normas de comportamentos alheias às concepções pré-hispânicas de vida (AIZPURU, 2008).

Pedro de Gante, portanto, na escola que dirigiu, usou de diversos recursos que objetivavam possibilitar a evangelização e a educação dos astecas para formar o perfil de pessoa que desejava segundo as necessidades religiosas e econômicas da colônia espanhola. O domínio da língua, os cantos, missas, teatros e catecismos pintados foram utilizados para apresentar as principais orações cristãs e outros conhecimentos ensinados no *Colégio de São José dos Naturais*, fundado para cumprir os objetivos educacionais traçados pelos franciscanos, entre os quais o de extinguir os vestígios do passado asteca e minimizar os estragos da Conquista. À frente dessa tarefa, estava aquele que é considerado o mais importante dos educadores do México colonial, um dos primeiros a sistematizar a educação, com características religiosas e também ao preparo de ofícios, do continente americano. A importância de Pedro de Gante é reconhecida e atestada entre seus pares e nos inúmeros colégios mexicanos que levam, atualmente, seu nome. Além do mais, nas publicações destinadas a compreender o papel que assumiu como educador dos nativos naquela que é considerada uma das primeiras escolas do México, a de *São José dos Naturais* e que, não ganhou, em pesquisas de língua portuguesa, o mesmo prestígio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



A Conquista e colonização do México pelos espanhóis, a partir de 1519, foram seguidas por um projeto educacional e catequético orientado por religiosos franciscanos. O capitão da Conquista, Hernán Cortés, havia solicitado ao Imperador Carlos V e, por extensão, à Igreja Romana, a presença de religiosos franciscanos para que conduzissem a formação dos que foram conquistados. À frente das missões religiosas e educacionais, estava Pedro de Gante, um dos primeiros a sistematizar a educação dos nativos. O *Colégio São José dos Naturais*, um dos primeiros do Novo Mundo, pode ser considerado modelo de educação. Nele, Pedro de Gante elaborou um projeto formativo que contava com a formação religiosa, quando ensinava os fundamentos do cristianismo. Nas salas, pátios e capelas, o religioso adotou metodologias, síntese tanto de suas experiências europeias quanto das adquiridas pelos antigos sacerdotes astecas, para viabilizar a catequização cuja finalidade, entre outras, era a de eliminar a religiosidade nativa das crianças. Além disso, à formação religiosa, foi acrescida o ensino básico das primeiras letras e também dos ofícios, uma das características mais originais da educação daquele período.

Os diversos recursos que objetivavam possibilitar a evangelização e a educação de meninos e meninas, buscavam responder as novas demandas da colonização e o *Colégio de São José* deu sua contribuição. As cartas e o pensamento de Pedro de Gante atestam o esforço que fez para cumprir com os objetivos que acreditava ser corretos, entre os quais o de inserir os nativos na ordem social e religiosa cristã, bem como na definição de um novo perfil de homem (cristão). Essa condição evidencia que a conquista dos nativos passava por outros meios que não apenas o poder das armas e, por isso, contou com um instrumento mais silencioso, a educação. Todo o ensino do letramento e dos aspectos práticos procurou concretizar aquilo que os franciscanos haviam planejado, a transformação do nativo em um cristão. Além do mais, Pedro de Gante, não apenas contribuiu para a educação como também soube se posicionar em defesa daqueles que considerava seus protegidos, em face da exploração provocada pelo trabalho a que estavam submetidos os astecas.



Assim, as diversas atividades desempenhadas por esse religioso, o colocam na condição de um dos principais educadores do México e, talvez, da América colonial.

REFERÊNCIAS

AIZPURU, Pilar Gonzalbo. **Historia de la educación en la época colonial: el mundo indígena**. México: El Colegio de México, 2008.

_____. *El virreinato y el nuevo orden*. In: ESTRADA, Dorothy Tanck de (Org.). **Historia mínima de la educación en México**. México: El Colegio de México, 2010. p. 36-67.

ALEGRIA, Paula. **La educación en México antes y después de la conquista**. México: Editorial Cultura, 1936.

BORGES, Pedro. **Métodos misionales en la cristianización de América**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1960.

_____, *La metodología misional americana*. In: BORGES, Pedro. (org). **Historia de la iglesia en Hispanoamerica y Filipinas**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1992a, p. 495-507, vol. I.

_____, *Sistemas y lengua de la predicación*. In: BORGES, Pedro. (org). **Historia de la iglesia en Hispanoamerica y Filipinas**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1992b, p. 509-519, vol. I.

CANEDO, Lino Gómez. **La educación de los marginados durante la época colonial: escuela y colegios para indios y mestizos en la Nueva España**. México: Editorial Porruá, 1982.

CÓDICE FRANCISCANO: *El orden que los religiosos tienen en enseñar a los indios al doctrina, y otras cosas de policía cristiana*. In: ICAZBALCETA, Joaquín García. **Código Franciscano: nueva colección de documentos para la historia de México**: siglo XVI. México: Editorial Salvador Chavez Hayoe, 1941. p. 55-74.

CORTÉS, Hernán. *Ordenanzas de un buen gobierno dadas por Hernán Cortés para los vecinos y moradores dela Nueva España*. In: MARTÍNEZ, José Luiz.



Documentos Cortesianos: 1518-1528: secciones I a III. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 277-283.

DUVERGER, C. **La conversion de los indios de Nueva España:** con el texto de los Coloquios de los Doce de Bernardino de Sahagún (1564). México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

GANTE, Pedro de. *Carta de fray Pedro de Gante a los padres y hermanos de la provincia de Flandes, 27 de junio de 1529.* In: LA TORRE VILLAR, Ernesto de. **Fray Pedro de Gante, maestro y civilizador de América.** México: UNAM: Estudios de Historia Novohispana, v. 5, n. 5, 1974a, p.40-43.

_____, *Carta de fray Pedro de Gante al emperador Don Carlos V, exponiéndole sus trabajos en la doctrina e instrucción de los indios.* México: 31 de octubre de 1532. In: LA TORRE VILLAR, Ernesto de. **Fray Pedro de Gante, maestro y civilizador de América.** México: UNAM: Estudios de Historia Novohispana, v. 5, n. 5, 1974b. p. 43-45.

_____, *Carta de fray Pedro de Gante al emperador Don Carlos V, anunciándole el fallecimiento del Ilmo. Zumárraga.* In: **LA TORRE VILLAR, Ernesto de. Fray Pedro de Gante, maestro y civilizador de América.** México: UNAM: Estudios de Historia Novohispana, vol. 5, N°005, 1974c, p. 46-55.

_____, *Carta de fray Pedro de Gante al Rey Don Felipe II, 13 de junio de 1558.* In: LA TORRE VILLAR, Ernesto de. **Fray Pedro de Gante, maestro y civilizador de América.** México: UNAM: Estudios de Historia Novohispana, v. 5, n. 5, 1974d, p. 55-60.

_____, *Catecismo en pictogramas de fray Pedro de Gante (BNM, MS.Vit. 26-9).* In: CASTELLANOS, Justino Cortés. **El catecismo en pictogramas de Fr. Pedro de Gante.** Madrid: Fundación Universitaria Española, 1987. México: Editorial Progreso, 1987, p. 435-472.

GONZALBO, Pilar. *La educación en América y Filipinas.* In: CRIADO, Buenaventura Delgado (Org.). **Historia de la educación en España y América: la educación en la España moderna** (siglos XVI-XVIII). Madrid: Fundación Santa María; Ediciones SM, 1993. p. 327-341.

GRUZINSKI, Serge. **La guerra de las imágenes:** de Cristóbal Colón a “Blade Runner” (1492-2019). 2. Reimp. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.



IGLESIAS, Tania Conceição. A experiência educativa da Ordem Franciscana: aplicação na América e sua influência no Brasil Colonial. 2010. 436 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Unicamp, Campinas.

MENDIETA, Gerónimo. **Historia eclesiástica indiana**. México: Antigua Librería, 1870.

MOREDA, María Teresa Pita. **Los predicadores novohispanos del siglo XVI**. Espanha: Editorial San Esteban, 1991.

QUIÑONES, Francisco de los Ángeles. *Instrução e Obediência do ministro geral Francisco de los Angeles Quiñones a Martín de Valência, integrante e Custódio dos Doze Franciscanos enviados para evangelizar os habitantes de Tenochtitlan conquistado*. In. SUESS, P. (Org.). **A conquista espiritual da América Espanhola: 200 documentos** (século XVI). Petrópolis: Vozes, 1992. p. 423-429.

RICARD, Robert. **La conquista espiritual de México**. 5. reimp. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

RINCÓN, Tomás Zepeda. **La educación pública en la Nueva España**. México: Editorial Progreso, 1999.

VALERIO, Francisco Morales. *México: la evangelización fundante (siglo XVI)*. In. BORGES, Pedro (org). **Historia de la iglesia em Hispanoamerica y Filipinas**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1992, p. 125-144.

VALENZUELA, Gloria Martha Sánchez. **La imagen como método de evangelización em la Nueva España**: los catecismos pictográficos del siglo XVI: fuentes del conocimiento para el restaurador. 2003. 493 f. Tese (Doutorado em Historia y Historiografía de la Educación) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid. Disponível em: < <http://webs.ucm.es/BUCM/tesis//bba/ucm-t26810.pdf> >. Acesso em: 23 de julho de 2019.

Recebido em: 23-07-2019

Aceito em: 19-03-2020

